



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL



LARISSA REZENDE SANTOS
TIAGO DOS SANTOS DE SANTANA

**HOMICÍDIO ENTRE PAIS E FILHOS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DA
TERAPIA OCUPACIONAL SOBRE O CASO GYPSY ROSE E DEE DEE
BLANCHARD**

LAGARTO/SE

2021

LARISSA REZENDE SANTOS
TIAGO DOS SANTOS DE SANTANA

Orientadora: Profa. Dra. Raphaela Schiassi Hernandes

Co-orientador: Prof. Dr. Júlio Caetano Costa

**HOMICÍDIO ENTRE PAIS E FILHOS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DA
TERAPIA OCUPACIONAL SOBRE O CASO GYPSY ROSE E DEE DEE
BLANCHARD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

LAGARTO/SE

2021

RESUMO

Introdução: O nascimento de um filho é marcado por mudanças significativas na vida de uma família e pode ser vivenciado como momento de realização e alegria, assim como, uma fonte de estresse, medo e insegurança. As configurações de relações familiares são formadas socialmente como local de proteção e construção de vínculos. Contudo, esta cultura pode ser rompida por meio do homicídio, como no caso da Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard. O objetivo desta pesquisa é entender os fatores intrínsecos e extrínsecos que podem motivar o sujeito a cometer o ato homicida entre pais e filhos, utilizando o caso Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard sob o olhar da Terapia Ocupacional e correlacionar com as habilidades sociais, a exploração de ideias e sentimentos dos sujeitos envolvidos, aliando a ideia de inserção social e autoconhecimento, por meio do documentário: Mommy Dead and Dearest (Mãe morta e querida - legendado), de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017). **Percurso Metodológico:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, com caráter qualitativo do tipo análise de conteúdo categorial. **Resultados e Discussões:** Identificou-se no caso analisado que dentre os fatores que levaram ao homicídio temos o histórico de abuso, as falhas nos sistemas (de assistência, segurança e proteção), os efeitos colaterais dos medicamentos, relação de superproteção e a busca pela liberdade. **Considerações Finais:** Observou-se que fatores intrínsecos e extrínsecos, levaram ao ato homicida e, também, fatores motivacionais que dependem de aspectos subjetivos do indivíduo que comete o crime e da sua relação com a vítima.

Palavras-chaves: Homicídio; Relações Familiares; Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: The birth of a child is marked by changes in the life of a family and can be experienced as a moment of fulfillment and joy, as well as a source of stress, fear and insecurity. The configurations of family relationships are socially formed as a place of protection and construction of bonds. However, this culture can be disrupted through murder, as in the case of Gypsy Rose and Dee Dee Blanchard. The objective of this research is to understand the intrinsic and extrinsic factors that can motivate the subject to commit the homicidal act between parents and children, using the case Gypsy Rose and Dee Dee Blanchard from the perspective of Occupational Therapy and correlate with social skills, to explore of ideas and feelings of those involved, combining the idea of social insertion and self-knowledge, through the documentary: Mommy Dead and Dearest (Mommy Dead and Dearest - subtitled), by Erin Lee Carr, 82 'Doc, USA, from HBO (2017). **Methodological Path:** This is a descriptive research, with a qualitative character of the categorical content analysis type. **Results and Discussions:** It was identified in the case analyzed that among the factors that led to the homicide we have a history of abuse, such as failures in the systems (assistance, safety and protection), the side effects of medications, an overprotective relationship and for freedom. **Final Considerations:** it was observed that intrinsic and extrinsic factors led to the homicidal act and also motivational factors that depend on subjective aspects of the individual who commits the crime and their relationship with the victim.

Keywords: Homicide; Family relationships; Occupational therapy.

**HOMICÍDIO ENTRE PAIS E FILHOS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DA
TERAPIA OCUPACIONAL SOBRE O CASO GYPSY ROSE E DEE DEE
BLANCHARD**

**HOMICIDE BETWEEN PARENTS AND CHILDREN: OCCUPATIONAL
THERAPY REFLECTIONS AND PERSPECTIVES ON THE GYPSY ROSE AND
DEE DEE BLANCHARD CASE**

1 INTRODUÇÃO

A organização do sistema familiar tem sofrido grandes alterações desde o século XVIII com o Iluminismo e o Romantismo, priorizando o amor, o afeto e as escolhas individuais (ZORNIG, 2010). No entanto, na contemporaneidade, ter filho passou a ser uma interseção entre a questão biológica, a questão subjetiva e a questão social, como a reprodução da espécie, associados à continuidade da própria existência dos pais, à busca de um sentido para a vida, à realização de um desejo ou a necessidade de diminuição das ambições pessoais, e ao reconhecimento social (SCAVONE, 2001).

Em vista disso, segundo De Matos et al. (2017), o nascimento de um filho pode ser vivenciado de diferentes formas, seja como um momento de satisfação, movido por um desejo pessoal e pelo novo significado que são atribuídos aos genitores, bem como, pode gerar sentimentos contraditórios à proteção, como ansiedade, insegurança, estresse e medo (DE MATOS et al., 2017).

Consequentemente, de acordo com a “Teoria do Apego” de John Bowlby e Mary Ainsworth, a ausência desse comportamento de apego pode interferir na formação do vínculo afetivo, do self, assim como nas relações sociais como um todo, apresentando posteriormente comportamentos atípicos como, isolamento, passividade, hiperatividade ou até agressividade resultante de um apego inseguro (BEE; BOYD, 2011). Com isso, pode gerar uma ruptura significativa na relação entre pais e filhos, sendo uma das possíveis consequências o ato homicida, no qual os genitores ou filhos são os autores responsáveis pela morte intencional entre si.

De acordo com Gomide (2010), o assassinato de uma mãe pelo seu próprio filho ou

filha, caracteriza o autor do delito como matricida, sendo considerada uma forma rara de homicídio. Entretanto, filhos homicidas também podem ser classificados como parricidas, termo do latim *parricidium*, de *parens* (pai e mãe) e *caedere* (matar) e segundo Cruz (2006) o termo refere-se ao homicídio praticado pelo filho (a) ao próprio pai ou mãe. Já quando se refere a pais homicidas o crime é classificado como filicídio, termo que vem do latim (*filius* – filho e *cidium/cide* – morte), e é compreendido como o assassinato do filho por um dos pais (ou ambos) (DORNELLES, 2012).

Conforme Freire e Figueiredo (2006) em adaptação a perspectiva de Resnick (1969), pode-se diferenciar os filicídios levando-se em conta a idade apresentada pela vítima. Sendo assim, apresenta-se o neonaticídio (referente a recém-nascidos mortos pelos pais nas primeiras 24 horas de vida), infanticídio (no qual corresponde ao assassinato de uma criança com menos de um ano de idade) e filicídio (para crianças com um ano de idade ou mais). Vale destacar que o termo filicídio não encontra-se presente na legislação penal do Brasil, utiliza-se homicídio ou infanticídio (NETO; DORNELLES, 2012).

Nessa vertente, destacam-se três casos brasileiros envolvendo homicídio entre pais e filhos que repercutiram nacionalmente. Inicialmente apresenta-se o caso da jovem Suzane Von Richthofen, no ano de 2002, a qual assassinou os pais com a ajuda do namorado e irmão do mesmo, sendo condenada a 39 anos de prisão. O assassinato da menina Isabella Nardoni (2008), de apenas cinco anos, que foi atirada do sexto andar do prédio pelo pai Alexandre Nardoni, e a madrasta Anna Carolina Jatobá (sendo sentenciados a cumprimento de 39 e 34 anos de prisão respectivamente). E o caso do menino Rhuan Maycon de apenas nove anos, no dia 31 de maio de 2019, o qual foi assassinado e esquartejado pela própria mãe, Rosana Auri da Silva Cândido, de 27 anos, em conjunto com a companheira, Kacyla Priscila Santiago Damasceno. Ademais, assim como os crimes citados sensibilizam, impressionam e chamam atenção pela violência e brutalidade, semelhantemente, apresenta-se o assassinato de Claudine Blanchard, conhecida por Dee Dee.

Trata-se de um caso internacional ocorrido em 14 de junho de 2015 na cidade de Springfield (Missouri), no qual a jovem Gypsy Rose (23 anos de idade), juntamente com o namorado Nicholas Godejohn (24 anos de idade), planejou e assassinou Dee Dee Blanchard, mãe de Gypsy, de 48 anos com golpes de faca enquanto a mesma dormia. Após cometerem o homicídio, o casal deu início ao plano de fugir juntos para viver um romance. Mas, após investigação policial, foram encontradas pistas que tornaram o casal os principais suspeitos do

crime.

Como resultado, foram procurados, presos e mais adiante condenados. Gypsy declarou-se culpada pela morte da mãe, sendo assim, sentenciada a 10 anos de prisão, enquanto Nicholas Godejohn foi condenado pelo crime de homicídio e corria o risco de ser sentenciado à prisão perpétua. Vale frisar que muitos fatores permeiam esse crime, a título de exemplo: a própria relação de violência e abuso entre mãe e filha. Em suma, é um caso que teve bastante repercussão, sendo transmitido e propagado de diferentes maneiras no universo da mídia, produzindo a série *The Act*, o filme *Te Amo Até a Morte* e documentários.

Assim, o ato homicida envolvendo pais e filhos carrega importantes marcas da vida cotidiana, muitas vezes, pouco evidenciadas. Visto que, o cotidiano traz em si aspectos da subjetividade dos sujeitos, e passa a se construir a partir das necessidades individuais, dos valores, crenças e/ou ideologias estabelecidas, e dos sentimentos e afetos (GALHEIGO, 2003).

Nessa vertente, ao abordar o tema, utilizando do caso de Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard documentado em *Mommy Dead and Dearest* (Mamãe morta e querida - legendado), de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017) pretende-se apresentar novas percepções e sentidos acerca dos fatores que levam ao ato homicida envolvendo as figuras dos pais e filhos como responsáveis pela morte entre si, servindo assim de base para outros estudos.

Vale ressaltar que a Constituição da República Federativa do Brasil, em seu capítulo 1, artigo 5º (referente aos direitos e deveres individuais e coletivos), enfatiza que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...] (BRASIL, 1988, art. 5º)

Bem como em seu capítulo III, artigo 227º (redação dada pela Emenda Constitucional nº 65 de 13/07/2010) estabelece que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, art. 227º)

Partindo desse princípio, é visível que o homicídio entre pais e filhos quebra um paradigma social que padroniza as relações familiares saudáveis, isto é, fundamentada socialmente, sob os princípios de boas relações afetivas, amor, proteção e cuidado entre ambos. Além disso, acontece um grande apelo comercial em meios de comunicação de massa que exploram a violência, e conseqüentemente, geram grandes repercussões sociais.

Diante dessa problemática, compreende-se que esse tipo de crime pode ser motivado por diferentes fatores, sendo estes, tanto intrínsecos, quanto extrínsecos ao indivíduo, tais como os transtornos mentais, uso de substâncias psicoativas, fragilidade de vínculos, históricos de violências, disputas por heranças, acidentalmente, entre outros.

Desse modo, vê no presente estudo a possibilidade de contribuir com a temática por meio da perspectiva da Terapia Ocupacional, que tem dentre os objetivos proporcionar suporte à prática das habilidades sociais e estimular a exploração de ideias e sentimentos dos sujeitos envolvidos, promovendo a inclusão social e autoconhecimento. Além de ser uma profissão que tem papel essencial nos diferentes contextos e ambientes, e considera a singularidade de cada sujeito. Logo, será possível desenvolver um trabalho empenhado na compreensão, ética e respeito.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é entender os fatores intrínsecos e extrínsecos que podem motivar o sujeito a cometer o ato homicida entre pais e filhos, utilizando o caso Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard sob o olhar da Terapia Ocupacional e correlacionar com as habilidades sociais, a exploração de ideias e sentimentos dos sujeitos envolvidos, aliando a ideia de inserção social e autoconhecimento, com as dificuldades contidas no documentário: Mommy Dead and Dearest (Mãe morta e querida - legendado), de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo descritivo, de caráter qualitativo do tipo análise de conteúdo categorial. Desse modo, pretende-se com o estudo realizar uma análise qualitativa do documentário: Mommy Dead and Dearest (Mãe morta e querida - legendado), de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017) sobre o caso Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard. Sendo assim, por meio deste, foi possível utilizar de perspectivas da Terapia Ocupacional para discorrer e levantar significados e/ou compreensões acerca dos fatores que podem motivar atos de homicídio envolvendo pais e filhos (tendo como exemplo principal o caso citado).

Segundo Gil (2002) a pesquisa descritiva tem por finalidade descrever as características de uma dada população, evento, bem como, favorecer comparações entre variáveis. Quanto a abordagem qualitativa, de acordo com Medeiros (2012), esta pode ser entendida como aquela que não produz dados advindos de procedimentos ou formas quantificadas. Assim sendo, a pesquisa qualitativa permite que a coleta dos dados seja adquirida de modo mais flexível, bem como, possibilita um repertório amplo, resultante da reconstrução do caso a ser estudado (FLICK, 2013).

Ademais, a análise de conteúdo representa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Desse modo, Bardin (1977) elucida três etapas da técnica de análise de conteúdo, e as organiza em três fases, sendo elas: Pré-análise, exploração do material, por fim, tratamento do material (inferência e interpretação).

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Pré-análise

Inicialmente, foram realizadas buscas e contato com as referências que retratavam a temática a ser abordada, a título de exemplo artigos, livros, filmes, documentários e séries, que envolvessem homicídios entre pais e filhos. Dessa maneira, estava sendo realizado o que Bardin chama de leitura «flutuante», que possibilita a familiarização com os materiais para a construção de hipóteses e objetivos.

Para a escolha do material a ser analisado e construção do *corpus*, que segundo Bardin (1997) representa o conjunto dos documentos que permitirá o pesquisador submeter aos procedimentos analíticos, foram levados em consideração os critérios de inclusão adotados na pesquisa, que dão ênfase apenas as entrevistas mais aprofundadas, que retratam a história real sobre o caso Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard de modo audiovisual. Por esse motivo, não foi necessário seguir todas as regras de elegibilidade dos documentos, evidenciados pela autora (regra da exaustividade, da homogeneidade, da representatividade e de pertinência).

Considerando esses critérios, apenas dois documentários se enquadraram com os aspectos mencionados, são eles: *Mommy Dead and Dearest* (Mamãe morta e querida - legendado), de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017) elegido para ser submetido aos procedimentos analíticos, e *Gypsy's Revenge* (*Gypsy: uma vida de mentira - dublado*), de Jesse Vile, 85' Doc, EUA, da investigação Discovery (2018), que entrou para a não-seletividade, visto que o mesmo foi removido da plataforma Youtube. Dessa maneira, Bardin (1977) enfatiza que em casos de análises monográficas, aplicar tais regras “não tem sentido (caso de um documento único, singular)” (BARDIN, 1977, p. 98).

O documentário tem como Sinopse a história de Claudine e de sua filha Gypsy, que após investigações policiais, confessa ter matado a mãe, devido aos anos de abusos cometidos por ela. Disponível nos idiomas: Inglês (Original), Espanhol e Português. Duração: 1h22m. Gênero: Drama. Classificação por idade: 16 anos pelo caráter de violência.

Resumidamente, este documentário retrata o homicídio de Claudine Blanchard conhecida por Dee Dee, uma mulher de 48 anos, assassinada em 14 de junho de 2015, na cidade de Springfield, MO, tendo como principais suspeitos do crime a própria filha, Gypsy Rose, com 23 anos de idade e o namorado da mesma, Nicholas Godejohn, com 24 anos de idade. Além disso, apresenta o caso Gypsy Rose e Dee Dee, considerando a sua vida antes do crime, o crime propriamente dito e sentença criminal, utilizando de vídeos caseiros, imagens recordatórias, relatórios médicos e também diversos depoimentos dos quais contribuíram para a investigação criminal do caso e compreensão da história, incluindo entrevistas com os acusados do crime, os seus familiares, amigos e vizinhos.

Posteriormente, realizou-se a referenciação dos índices e elaboração dos indicadores. Os índices podem ser representados pela “menção explícita de um tema numa mensagem” (BARDIN, 1997, p. 100). Enquanto os indicadores, na pesquisa com abordagem quantitativa, são representados pela “frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta”, e nas pesquisas qualitativas, podem ser “não frequenciais susceptíveis de permitir inferências” (BARDIN, 1977, p. 114).

Assim, os mesmos foram sendo elaborados a partir dos depoimentos contidos no documentário analisado, de modo a evidenciar os fatores motivacionais para o crime ocorrido, e teve por base a abordagem qualitativa. Portanto, seguindo “um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável” (BARDIN, 1997, p.115).

Assim, seguem organizados e explicitados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Organização sistemática dos índices e indicadores

ÍNDICES	INDICADORES
4.1.1 Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard	Histórico médico; Diagnóstico; Medicações; Procedimentos cirúrgicos; Atraso no desenvolvimento; Infantilização; Tentativas de fuga.
4.1.2 Relação entre Dee Dee Blanchard e Gypsy Rose.	Histórico de vida; Relação abusiva; superproteção; Síndrome de Munchausen.
4.1.3 Relacionamento virtual de Gypsy Rose e Nicholas Godejohn	Rede social; Segredo; Fantasia; Primeiro encontro; Superproteção da mãe; Sexualidade; Descoberta.
4.1.4 Homicídio de Dee Dee Blanchard	Planejamento do crime; Plano de fuga; Investigação; Interrogatório; Audiência; Sentença criminal; Idealização dos autores do crime; Depoimentos.
4.1.5 Perfil Ocupacional	Vida cotidiana; Áreas de ocupação; Rotina diária; Relações sociais; Patologização; Funcionalidade; Independência; Dependência; Autonomia.

Fonte: Mommy Dead and Dearest, de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017)

3.2 Exploração do material

Na segunda fase da análise de conteúdo foram realizadas as codificações, que “consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração” (BARDIN, 1977, p. 101). Sendo assim, o documentário explorado traz os dados em sua forma bruta, logo, se faz necessário extrair as informações relevantes e segregá-las das partes que não são de interesse para o estudo. Dessa maneira, deu início ao processo de transformação dos dados e organização dos mesmos em categorias e subcategorias emergentes (estabelecida após o contato com o documentário). Assim, foi dado ênfase às narrativas que evidenciam os motivos para o homicídio de Dee Dee Blanchard e posteriormente organizadas em temas correlacionados dentro das categorias. Vale frisar que as categorias e subcategorias foram sendo organizadas levando-se em conta os indicadores elucidados no Quadro 1.

Quadro 2: Categorias e subcategorias emergentes provenientes da análise de conteúdo.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
3.2.1 - História de vida de Gypsy Rose	3.2.1.1 Problemas de saúde e cuidados médicos; 3.2.1.2 Desenvolvimento e infantilização; 3.2.1.3 Relação mãe-filha: Vínculo e superproteção; 3.2.1.4 Desaparecimento da Gypsy.
3.2.2 Dee Dee Blanchard e a provável Síndrome de Munchausen por Procuração	3.2.2.1 Dee Dee Blanchard na percepção dos amigos e familiares; 3.2.2.2 Síndrome de Munchausen por Procuração.

3.2.3 Nicholas Godejohn e sua relação com Gypsy Rose	3.2.3.1 Namoro virtual; 3.2.3.2 Primeiro encontro e superproteção da mãe.
3.2.4 O crime	3.2.4.1 Planejamento e execução do crime (acordo entre o casal e plano de fuga); 3.2.4.2 Inquérito policial e sentença; 3.2.4.3 Percepção dos acusados quanto ao crime; 3.2.4.4 Depoimento de familiares e amigos sobre o crime.
3.2.5 Reflexões da Terapia Ocupacional diante dos fatores motivacionais do crime	3.2.5.1 Desempenho Ocupacional da Gypsy; 3.2.5.2 Impacto da relação familiar nas ocupações (desviantes); 3.2.5.3 Áreas de Ocupação afetadas pelo processo patológico provocado; 3.2.5.4 Vida cotidiana e relações sociais.

Fonte: Mommy Dead and Dearest, de Erin Lee Carr, 82' Doc, EUA, da HBO (2017)

3.2.1 A HISTÓRIA DE VIDA DE GYPSY ROSE

3.2.1.1 Problemas de saúde e cuidados médicos

De acordo Rod Blanchard, pai da Gypsy Rose e ex-marido de Dee Dee Blanchard, com três meses de idade, Dee Dee relatava que Gypsy tinha apneia do sono e precisava de monitor de respiração. Ao passo que a Gypsy foi se desenvolvendo, foram sendo relatados uma série de outros diagnósticos, dentre eles: problemas com os olhos, dicção, digestivos e problema muscular com necessidade do uso de cadeira de rodas. Assim, a explicação que a Dee Dee dava para Rod Blanchard era que Gypsy tinha uma mutação cromossômica que causava tais problemas, e que seu tempo de vida seria até aos 18 anos de idade.

Históricos médicos apontam que Gypsy foi levada mais de cem vezes ao hospital, entre 2005 e 2014. No qual passou por múltiplas cirurgias, incluindo operações gastrointestinais, oculares e remoção das suas glândulas salivares. Sempre que Gypsy era levada para clínica médica era a Dee Dee quem conversava com os médicos sobre o estado de saúde da filha. Assim, Gypsy relata que recebia orientações da mãe sobre como ela deveria agir, dizendo **“[...] se o médico viesse me examinar, eu tinha que ficar na cadeira, ficar calma, brincar com a boneca e não mexer as minhas pernas”**. Gypsy afirma que não sabia sobre os falsos diagnósticos e diz, **“Eu fui enganada como todo mundo, a única coisa que eu sabia era que conseguia andar [...]”**.

O Dr. Bernardo Flasterstein, neurologista pediatra que atendeu Gypsy, relata durante a entrevista que achou discrepante a informação de Dee Dee sobre Gypsy não poder caminhar, dizendo: **“[...] para uma pessoa que não caminhava a 9 anos ela não deveria ter quase**

nenhum músculo nos membros inferiores, mas ela tinha músculos que pareciam normais. Além disso, ela conseguia sustentar o peso do seu próprio corpo, eu me lembro dela em pé, então eu fiquei com muitas dúvidas desde o início [...]”.

A primeira cirurgia que Gypsy recorda ter feito, foi para a colocação do tubo alimentar, este necessitava ser trocado a cada seis meses e segundo ela era um procedimento que causava dor. Essa sensação é expressada por Gypsy quando ela diz: **“[...] era bem doloroso porque eles não lhe dão anestesia, eles só o levam até sala de emergência, arrancam o antigo e colocam um novo”.**

Dentre os diagnósticos informados aos médicos pela Gypsy, apresentam-se: Visão prejudicada, deficiência auditiva, Epilepsia, Refluxo estomacal, tetraplegia, distrofia muscular, anemia, hipoventilação, asma, alergias, retardo mental leve (7 anos), leucemia, incontinência, doença pulmonar e sopro cardíaco. Além de passar 14 anos fazendo uso de cadeira de rodas.

Quanto às medicações relatadas por Gypsy, a mesma tomava remédio para respiração, convulsões, para ir ao banheiro, para dor, ansiedade, entre outros que ela não recorda. Além disso, fazia uso de um respirador todas as noites, que segundo ela só piorava sua respiração, ao invés de melhorar. Também tinha uma máquina para o tubo de alimentação que controlava o que ela comia, e permitia que os remédios fossem colocados através dele sem que precisasse estar acordada, sendo evidenciado na fala de Gypsy **“[...] ela podia colocar o que quisesse no meu corpo e eu nem sabia”.**

Para os outros problemas, ela tomava remédios que a Dee Dee dizia que era para a leucemia, porém os medicamentos que Dee Dee dava a Gypsy induziram muitos dos sintomas que os médicos achavam que estavam tratando. Assim, os diagnósticos citados foram sendo projetados na Gypsy pela própria mãe. Certa vez, a tia de Gypsy informou ao pai dela, Rod Blanchard, que ela sabia andar e logo ele questionou Dee Dee sobre essa informação. Como resposta, Dee Dee informou ao mesmo que a distrofia muscular e as outras doenças faziam com que os músculos de Gypsy doessem, por isso ela só poderia andar quando estivesse bem, entretanto, ressaltou que a doença de Gypsy era progressiva.

3.2.1.2 Desenvolvimento e infantilização

À medida que as pessoas se interessavam em compreender o atraso no desenvolvimento de Gypsy, a Dee Dee mudava de cidade para que a distância impedisse que as pessoas as questionassem. Como resultado, o pai de Gypsy foi perdendo contato com ambas,

consequentemente, não conseguia notícias da filha e desconhecia sobre os abusos enfrentados por ela.

Por muito tempo, Dee Dee Blanchard manteve a Gypsy com comportamentos de criança, mesmo já não estando nessa fase da vida, essas características infantis estavam presentes no modo de falar, agir, vestir-se, entre outros. Vale ressaltar que a idade da Gypsy era uma incógnita, pois Dee Dee conseguiu alterar a data nos documentos, assim nem mesmo Gypsy tinha conhecimento da própria idade.

Rod Blanchard, narra que ligou para a filha em seu aniversário de 18 anos e a Dee Dee disse “[...] **não fale para ela, que ela tem 18 anos**” e ele perguntou **“Como assim, não fale para ela? Ela sabe. Sabe que tem 18 [...]”** e Dee Dee ressalta **“Ah, ela não sabe que ela tem 18, entende?”**. Esse comportamento ressoava como algo estranho para Rod Blanchard, mesmo sabendo através da Dee Dee que a capacidade mental de Gypsy era 5 anos atrasada.

3.2.1.3 Relação mãe-filha: Vínculo e superproteção

Durante uma participação em evento de premiação, Dee Dee em seu discurso chega a dizer para Gypsy publicamente **“[...] Como sempre digo, você é a razão pela qual eu nasci, para ser sua mãe”**. Nessa vertente, as pessoas viam Dee Dee como um exemplo a ser seguido. Em vista disso, os telespectadores e pessoas próximas tinham sobre Dee Dee uma concepção de mãe ideal, no qual sua vida estava centrada no cuidado integral de Gypsy, proporcionando uma relação mãe-filha saudável de cuidado e proteção.

Quando Gypsy foi entrevistada descreveu sua mãe da seguinte forma: **“Ah, ela é diferente, eu sempre achei que ela fosse superprotetora. Talvez, se tivesse que dizer em uma só palavra, diria superprotetora”**. Quanto ao modo em que sua mãe a tratava, ela diz **“Eu nunca achei que algum tipo de abuso tivesse acontecendo, é quando você é abusada, mas viveu daquele modo a vida toda [...] não conhece nada além daquilo”**. E chega a enfatizar **“Eu sabia que eu era diferente, que a minha vida era diferente das outras crianças, mas as pessoas nos achavam uma família de mãe e filha mais doce de todas, as melhores pessoas do mundo”**.

Elaine Scherer, trabalhadora de serviço comunitário, afirma **“Dee Dee sempre segurava a mão da Gypsy [...] agora, penso que pudesse ser para controlá-la”**. De acordo com o Dr. Marc Feldman, Psiquiatra que acompanhou o caso, **“Segurar a mão e abraçar forte, é também, um modo de exercer senhorio sobre outra pessoa [...]”** complementa que **“[...] são**

ocasiões felizes e inofensivas, mas também são ocasiões em que Dee Dee reforçava seu senhorio sobre Gypsy”.

Nessa vertente, Gypsy relata ocasiões em que esses comportamentos eram evidenciados, quando diz: *“Se estivéssemos com amigos e eu dissesse algo que não deveria falar, ela apertava minha mão e eu sabia que era para me calar [...] eu tinha medo, muito medo”*. Ela também enfatiza que aconteciam agressões físicas, dizendo *“Ela me batia com cabides ou com a palma da mão. Eu levava um certo número de palmadas dependendo do que eu tinha feito, dependendo do quão grave era”*.

O sobrinho de Dee Dee, Bobby Pitre, assim como, o pai dele, Claude Pitre, acreditam que a vida de Gypsy teria sido diferente se ela não fosse filha de Dee Dee, dizendo *“Ela poderia ter sido uma menina normal se a Dee Dee não tivesse sido a mãe dela”*, diz Pitre, *“Ela poderia ter tido uma vida normal [...]”*, afirma Claude.

3.2.1.4 Desaparecimento da Gypsy

Na primeira tentativa de fugir de casa, Gypsy se encontrou com um amigo em uma convenção e explicou a ele o que acontecia em sua casa, e então, ele a convidou para morar com ele em Arkansas. Gypsy então fugiu, pegando carona com um estranho até a casa desse amigo e em quatro horas Dee Dee a encontrou na casa dele. A sua mãe ia chamar a polícia, porém somente a levou para casa, martelou seu celular e computador e ameaçou martelar os dedos dela caso repetisse aquilo. Como ato de punição, Gypsy ficou presa na cama em uma coleira de cachorro e algemas durante duas semanas, segundo ela *“Foi um ano difícil”*. Além disso, Dee Dee convenceu um advogado a fazer documentos alegando que Gypsy era incapacitada.

Dessa maneira, Gypsy passou despercebida pelo sistema, e mesmo após uma denúncia de abuso em que os policiais foram à sua casa, Dee Dee conseguiu manipulá-los e a Gypsy ficou sem esperança de ajuda. Assim, a segunda tentativa de liberdade de Gypsy, foi após o assassinato da mãe.

Em 14 de junho de 2015 houve uma ligação para que a polícia verificasse se estava tudo bem com uma família, era para a casa da Dee Dee e Gypsy. Amigos próximos ficaram assustados com algumas postagens no perfil do facebook das duas e suspeitaram que a conta pudesse ter sido hackeada. A postagem dizia *“A cadela está morta”*, e uma outra, *“Eu acabei com aquela porca gorda e estuproi sua filhinha inocente, ela gritou tão alto [...]”*, ambas as

postagens eram na verdade de autoria da Gypsy. Assim, após liberação judicial para entrar na casa e verificar se algo havia acontecido, identificaram o crime e o desaparecimento de Gypsy. Assim, o Dr. Marc Feldman, psiquiatra que acompanhou o caso, comparou essa atitude de Gypsy como um elevado grau de sociopatia.

Após o crime, Gypsy e Nicholas pegaram um táxi e foram para um motel (Days Inn Motel), em Springfield, MO, e passaram o primeiro dia juntos. No entanto, não permaneceram muito tempo na cidade em que cometeram o crime, compraram passagens e foram para Wisconsin.

3.2.2 DEE DEE BLANCHARD E A PROVÁVEL SÍNDROME DE MUNCHAUSEN POR PROCURAÇÃO

3.2.2.1 Dee Dee Blanchard na percepção dos amigos e familiares

Dee Dee apresentava histórico familiar de cleptomania e comportamentos desviantes, tais como: dar cheques falsos em diversos lugares, envenenar a madrasta, deixar a própria mãe suja e sem alimentá-la enquanto cuidava da mesma e histórico de roubo. Estes comportamentos se mostraram presentes nos relatos de pessoas próximas a ela. O sobrinho de Dee Dee, Bobby Pitre, durante a entrevista sobre a tia, diz “[...] *ela era bem estranha, creio que era bipolar sem dúvida, talvez personalidades múltiplas, definitivamente, uma pessoa muito má*”. Paralelo a isso, enfatiza, “*Raspar a cabeça da filha e dizer que ela tem leucemia, você tem que ser doente*”. Também ressalta: “*Ela abriu cartões de créditos no nome do meu pai, do meu avô, ela fez muitas compras, aparentemente até a polícia estava atrás dela*”. Ele ainda afirma “*Ela envenenou minha madrasta, supostamente ela misturava herbicidas na comida dela*”.

Quando se refere a infância de Dee Dee, era vista pelo pai, Claude Pitre, como uma pessoa "normal" e “inusitada”, mas à medida que foi crescendo esse olhar foi mudando, por consequência dos seus comportamentos. Laura Pitre, companheira de Claude, diz: “*Ela era uma pessoa bem difícil, se não sáísse como ela queria ela fazia você pagar e nós pagamos, e muito*”. E relembra de um episódio que foi vítima de Dee Dee “*Ela colocava veneno na minha comida, veneno para plantas*”, e conclui, “*Não havia nada que a pegasse*”.

4.2.2.2 Síndrome de Munchausen por Procuração

Segundo o Dr. Marc Feldman, psiquiatra que acompanhou o caso, é provável que Dee Dee estivesse submetida à Síndrome de Munchausen por procuração, pelos sinais apresentados. Uma vez que, a principal característica dessa síndrome é a falsificação ou indução de doenças na criança pelo gestor/cuidador, com o objetivo de alcançar uma gratificação emocional. Assim, o mesmo conclui que esse comportamento configura-se como tipo de abuso infantil.

Seu comportamento de indução às doenças, marcaram uma sequência de manipulações e fraudes nos sistemas de saúde e segurança, que mesmo desconfiando dos argumentos de Dee Dee, levavam em consideração a credibilidade social que a Gypsy ganhou, tanto por meio de doações na internet através de uma página na rede social com nome “Distrofia Muscular e Leucemia”, como também, pelo acesso a moradia gratuita, voos médicos e viagem a Disney. Dessa forma, Gypsy tornou-se vítima das falhas desses sistemas, incluindo familiares e amigos que desconheciam a verdade sobre o estado de saúde da menina. Assim, pode-se considerar que esse comportamento levou a uma série de situações que resultaram em poder e abuso sobre a vida de Gypsy.

Dessa maneira, o Dr. Marc Feldman ressalta as possíveis consequências de quem é submetido à síndrome de Munchausen por Procuração, dizendo ***“Vítimas de Munchausen por Procuração podem perder o contato com a realidade às vezes, e esta pode ser boa parte da defesa, no caso da Gypsy. Ela pode ter problema em distinguir o que é real e o que não é [...]”***.

3.2.3 NICHOLAS GODEJOHN E SUA RELAÇÃO COM GYPSY ROSE

3.2.3.1 Namoro virtual

Gypsy conheceu o Nicholas através de um site de namoro cristão utilizando um perfil secreto, escondido da mãe, e começaram a conversar. Depois de quatro dias deram início a um relacionamento virtual. Vale frisar que Gypsy não tinha nenhuma referência sobre namoro, somente de histórias de princesas, pois aquela era sua primeira experiência.

Segundo Gypsy no início era tudo inocente e com o tempo ficou tudo mais estranho, visto que Nicholas começou a falar sobre algo chamado “BDSM” (Bondage, Disciplina, Dominação e Masoquismo), e fazer postagens com conteúdo que mostravam teor sensual, de submissão e de dominação feminina, assim como frases ***“[...] toda bela precisa de sua fera”***. Vale ressaltar que a ex-namorada de Nicholas entrou em contato com Gypsy tentando alertá-la

sobre a personalidade dominante de Nick, porém, Gypsy duvidou, acreditando ser somente por ciúmes.

Nicholas sugeriu a Gypsy a criação de diferentes perfis, como personagens para fazer par com as diversas personalidades dele, Gypsy relata que no início essa situação a deixou bem desconfortável, mas ele conseguiu convencê-la de que essa ideia era boa e ela concordou com a proposta de experimentar criar diversas namoradas, sendo uma para cada personalidade dele. Quase todo o relacionamento entre eles foi de modo virtual, no qual conversava e mandava fotos para ele enquanto sua mãe dormia. Gypsy narra a respeito do seu relacionamento com o Nick **“Era um amor burro, surdo e cego. E as vezes um pouco doido também”**. Gypsy chega a afirmar que amava muito o Nicholas na época, **“[...] estar com ele era legal, pois era alguém que eu amava e achava que se importava comigo”**.

Michelle Dean, jornalista freelancer (independente), faz um paralelo que se encaixa com o modo de vida de Gypsy e o seu despertar da sexualidade, dizendo: **“[...] não importa quanto controle você tem sobre um indivíduo, você não consegue impedir a sexualidade adolescente de florescer”**, de fato esse tema era um tabu na vida de Gypsy. Com cerca de um ano de relacionamento com Nicholas, Gypsy contou sobre sua relação problemática com Dee Dee. Assim, Nicholas prometeu a Gypsy que a protegeria de todos, até da sua mãe. Esse foi só um pensamento, que era chamado por eles de “PLANO B”, entretanto, deu início às possibilidades de um plano contra a vida de Dee Dee. Nicholas afirma que eles tinham metas para o futuro, dizendo **“Bem, queríamos ter uma família e construir uma vida juntos, então achamos que teríamos uma chance de fazer isso. Estávamos felizes com aquilo”**.

3.2.3.2 Primeiro encontro e superproteção da mãe.

Gypsy e Nicholas tiveram seu primeiro encontro em um cinema, onde ela iria assistir ao filme Cinderela com sua mãe Dee Dee. Eles combinaram de fingir que se conheceram naquele lugar, pois como Gypsy relata **“[...] não podia dizer que o conheci na internet e ela estava sempre comigo, então, não havia outra hora para eu tê-lo conhecido”**.

Durante o filme, Gypsy teve a oportunidade de ir ao banheiro sem a presença de Dee Dee. Nesse momento, ela conseguiu manter um contato direto com Nicholas, no qual praticaram sua primeira relação sexual (no banheiro do cinema), mesmo correndo o risco de serem descobertos. No entanto, a tentativa de haver uma aproximação consentida por Dee Dee deu errado, uma vez que a mesma preocupou-se em manter ambos distantes, alegando ter

achado o Nick estranho. Então Gypsy se desesperou e decidiu seguir em frente com o plano de assassinar a mãe. Assim, descontente com a situação, Gypsy envia uma mensagem de texto para Nicholas, dizendo: ***“[...] finalmente me permiti aceitar que você é tudo pra mim. Eu irei com você viver o nosso sonho”***.

3.2.4 O CRIME

3.2.4.1 Planejamento e execução do crime (acordo entre o casal e plano de fuga)

Após a ida ao cinema, Gypsy continuou mantendo contato com o seu namorado Nicholas via mensagens de texto, e assim passou a planejar o crime juntamente com ele. No dia seguinte, mãe e filha foram ao supermercado, pintaram as unhas juntas e Gypsy fingiu que estava tudo bem: ***“Nós tínhamos acabado de brigar e de fazer as pazes. Eu disse que seria uma boa menina e quando ela foi dormir eu acabei ferindo seus sentimentos e ela disse, eu estou ficando melhor, não me machuque. As últimas palavras dela pra mim foram: não me machuque”***, diz Gypsy em seu relato.

Depois que Dee Dee dormiu, Gypsy deixou luvas na porta da frente da casa e combinou com Nicholas que no momento em que ele entrasse na residência entregaria a faca e a fita adesiva para que pudesse cometer o crime. Por meio de uma mensagem de texto, Gypsy confirma com Nicholas ***“Tudo vai acontecer nessa noite”***. E então Nicholas responde ***“Amor, é meu lado mal quem vai fazer, ele não vai errar pois gosta de matar”***. Então, Gypsy enfatiza: ***“Seremos felizes logo, depois de hoje, nunca mais vamos tocar nesse assunto”***.

Assim que Nicholas chegou na casa de Gypsy, comunicou-se novamente com ela via mensagem de texto: ***“Estou aqui, abra a porta e vá até o banheiro”***. Então Gypsy abriu a porta e foi até o banheiro, ficando lá em posição fetal e com os ouvidos tampados. A partir disso, Gypsy conta o que conseguiu ouvir do banheiro, dizendo ***“[...] eu ouvi a minha mãe acordar e ela parecia assustada. Ouvi uns barulhos estranhos vindos do quarto, e eu ouvi ela chamar meu nome algumas vezes, e ela gritou socorro, e aí houve um silêncio”***.

3.2.4.2 Inquérito policial e sentença

A princípio, Gypsy negou envolvimento com a morte da mãe e disse não saber que Nicholas tinha cometido o crime, mostrando-se surpresa e bastante assustada com a situação durante o depoimento. Assim, durante o interrogatório Gypsy diz ***“Eu não sei nada do que”***

aconteceu com a minha mãe[...]". Então, Hancock, do departamento de polícia, continua a questioná-la se ela tinha alguma ligação com o crime, ela afirma "***[...] não senhor***". Paralelo a isso, em prantos Gypsy pergunta: "***Por que você pensaria que fui eu? Eu sempre amei a minha mãe, a minha mãe e eu somos as melhores amigas***". Diferente de Gypsy, Nicholas assumiu ter cometido o homicídio quando diz "***[...] eu realmente esfaqueei a mãe dela [...]***", e afirma que fez pensando nos dois.

Foi uma surpresa para os amigos e vizinhos ver Gypsy andando no tribunal de Wisconsin. E esse sentimento é reforçado na fala de Aleah Woodmansee, amiga de Gypsy, "***Ver ela andando, fiquei chateada. Se isso era mentira, o resto todo também era***". Em 15 de junho de 2015 ocorreu a primeira audiência de Gypsy, acusada de compactuar com Nicholas Godejohn na morte de sua mãe. Dentre as possibilidades de sentença, apresentaram-se a pena de morte ou prisão perpétua. Assim, em 16 de junho de 2015, as investigações continuavam em andamento, e o caso não tinha sido fechado, visto que outras questões foram surgindo, como a própria condição de saúde da Gypsy que não se encaixava com o que era apresentado. No dia 24 de junho de 2015 a promotoria de justiça apresentou as provas preliminares contra Gypsy através das mensagens de texto, vídeos trocados com o seu namorado e a arma do crime encontrada, na qual apontava relação direta entre Gypsy e Nicholas no homicídio de Dee Dee Blanchard.

Contudo, em 9 de novembro de 2015, no Tribunal do Condado de Greene (Greene County Courthouse) os procuradores optaram por não adotarem a pena de morte contra Gypsy e seu namorado Nicholas Godejohn. De acordo com a promotoria, este caso é considerado incomum, e assim, não era apropriado para homicídio de 1º grau com a pena de morte, devido as circunstâncias dos fatos sobre o caso e o histórico dos indivíduos. Visto que, durante as investigações a mãe da Gypsy era considerada vítima do crime, e ao longo desta, tornou-se também suspeita de cometer alguns delitos contra a filha. Dessa forma, a investigação ganhou novos caminhos e a identidade real da Gypsy passou a ser questionada.

No dia 5 de julho de 2016, em Springfield, o Tribunal anunciou uma Audiência Pré-julgamento surpresa para Gypsy, que já estava com idade entre 24 a 25 anos. Assim, o advogado de Gypsy explica para ela sobre a determinação criminal do caso. O Tribunal declara Gypsy como culpada, devendo ser condenada a 10 anos no departamento de correções de Missouri, onde deverá cumprir 85% de sua sentença antes de mudar para a condicional. O Promotor de Greene County, Dan Patterson, considerou o caso como algo "Incomum" e

“Extraordinário!”. Dan Patterson também enfatiza, que mesmo Gypsy passando mais de 20 anos de abusos sistemáticos, durante seu julgamento, levaram em conta as circunstâncias atenuantes.

Mike Stanfield, defensor público, responsável pela defesa de Gypsy, alega ter sido um bom resultado, dizendo: **“Para todos nós envolvidos é um alívio porque tinha a questão da pena de morte e no final é o melhor resultado pra ela [...]”**.

Após a sentença, Rod Blanchard, pai de Gypsy e sua madrasta, conseguiram a primeira oportunidade de ter uma visita completa com Gypsy. Durante a visita, Rod Blanchard enfatiza que a filha era jovem, e quando ela cumprisse a sentença, ainda teriam muito tempo para conviverem juntos e recomeçar sua vida. Dessa maneira, Gypsy está cumprindo sua sentença de dez anos na Penitenciária de Chillicothe (Chillicothe Correctional Center), e terá liberdade condicional em 2024, quando terá 32 anos de idade. Por outro lado, Nicholas Godejohn corria o risco de ser sentenciado com prisão perpétua, tendo assim, seu julgamento marcado para 2017.

3.2.4.3 Percepção dos acusados quanto ao crime

Na entrevista Gypsy ressalta o quanto se sentia aprisionada, referindo-se ao período em que vivia com sua mãe, dizendo: **“[...] eu sempre me via como um pássaro azul em uma gaiola invisível e eu senti que o pássaro azul tinha sido libertado”**. Nicholas Godejohn afirmou ter cometido o crime, dizendo: **“Fiz isso por mim e por ela [...] nunca teria feito se não fosse por ela”**. Além disso, confirma que Gypsy sabia que ele iria matar a mãe dela **“De verdade, foi ela quem me pediu”**, diz Nicholas.

Em razão da realidade alternativa em que Gypsy cresceu, ela não tinha tanta compreensão sobre o que é certo ou não, por isso ela afirma **“De várias maneiras eu não sei o que é certo ou errado, mas suficiente para dizer, que sim eu fiz isso. Eu sinto muito, eu me sinto mal por isso, mas é bom ser honesta”**. A respeito do sentimento de arrependimento, ela diz **“A única coisa que eu teria feito diferente e sei disso agora, era procurado o meu pai e ter falado com ele. Ele poderia ter vindo me pegar e eu ter ido morar com ele”**. Na percepção de Gypsy, passar 10 anos na cadeia era melhor do que viver 10 anos do modo em que vivia. Satisfeita com a sua sentença, explana: **“[...] eu preciso começar de novo [...]”**. No entanto, confessa que antes de saber a sentença pensava em tirar a própria vida, dizendo **“[...] se eu pegar prisão perpétua, eu vou me suicidar [...]”**.

3.2.4.4 Depoimento de familiares e amigos sobre o crime

A respeito da morte de Dee Dee, sua madrasta Laura Pitre, companheira de Claude, diz: “[...] *não acreditava que ela tinha morrido. Achei que fosse mais um truque dela*”. O sobrinho de Dee Dee, Bobby Pitre, ressalta: “*Eu pensei, quem Dee Dee provocou agora, sabe? Com o que ela se envolveu? Nem pensei, nossa, minha tia morreu!*”, pois eu sabia que um dia ela iria chatear alguém a esse ponto”. Bobby Pitre também explana “*Eu até pensei que provavelmente seria Gypsy, sabe. E depois quando nós soubemos que Gypsy estava bem, na casa do namorado, pensamos: ela matou a mãe, finalmente, ela não aguentava mais [...]*”.

Nessa vertente, Claude, pai de Dee Dee e também Laura, sua madrasta, acham que ela recebeu o que merecia, com isso desprezaram sua morte e o simbolismo do seu corpo cremado “[...] *ela foi cremada e ninguém quer ficar com as cinzas*”, diz Claude. Segundo relato do pai e da madrasta, a irmã da Dee Dee, Norlan, também não mostrou interesse e disse: “[...] *não a quero, dê descarga nela*”. Inclusive, nenhum deles se prontificou a pagar uma missa para ela “[...] *não tenho dinheiro, por mim jogo na privada*”, disse o pai de Dee Dee. Já o pai de Gypsy se questiona “*Eu ainda me pergunto como você mata a sua própria mãe? Tem de ter havido alguma razão [...] algum abuso. Você não mata sua mãe porque quer ficar com o namorado [...]*”. Paralelo a isso, Aleah Woodmansee, amiga de Gypsy, ressalta “*Creio que a Gypsy queria que a vida dela fosse como um conto, e tivesse um final perfeito, sabe, com os vilões recebendo o que merecem?*”.

Vale ressaltar que após o crime, o casal fugiu para Milwaukee, especificamente para a casa da mãe de Nicholas, Stephanie Goldammer, que relata sobre como eles reagiram ao buscá-los na rodoviária, dizendo “[...] *eu perguntei a ela como estava a mãe dela e eles agiram normalmente, nada demais, parecia tudo ok*”. Paralelo a isso, Charles Goldammer, padrasto de Nick, diz: “*Eles agiram como duas pessoas normais, sabe? Isso que é assustador [...] eu não sei o que ela colocou na cabeça do meu enteado*”.

Vale ressaltar que a arma do crime e cerca de 4 a 5 mil dólares roubados de Dee Dee, foram enviados do endereço de Gypsy para a casa de Nicholas, porém Stephanie, mãe de Nicholas, demonstrou não ter conhecimento sobre isso e ficou surpresa com o ocorrido. Sendo evidenciado, quando Stephanie diz: “*Do modo como ela agiu, como você pode fazer algo assim com a sua mãe e depois agir desta maneira? Estou tentando entender tudo isto*”.

Entretanto, Laura Pitre, companheira de Claude, avô de Gypsy, acredita que ela foi bastante punida e diz: *“eles deveriam libertá-la [...] é o que eu sinto, pois aquela menina já passou por muita coisa”*. Rod Blanchard, pai de Gypsy, chega a se sentir culpado pela situação na qual sua filha se encontra, dizendo: *“Eu me culpo muito por não ter feito mais [...] quem mais vou culpar?”*.

3.2.5 REFLEXÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL DIANTE DOS FATORES MOTIVACIONAIS DO CRIME

3.2.5.1 Desempenho Ocupacional da Gypsy.

O caso da Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard envolve muitas questões que vão além do crime de homicídio propriamente dito. Um aspecto importante do caso Gypsy que se relaciona com a Terapia Ocupacional são os prejuízos nas áreas ocupacionais dela, devido ao padrão de desenvolvimento infanto-juvenil. Desde o seu nascimento, Gypsy passou a receber diferentes diagnósticos projetados pela própria mãe, e assim, passou a viver de modo limitado durante as suas duas primeiras décadas de vida. Consequentemente, precisou se adaptar ao desenvolvimento atípico e aos abusos cometidos pela própria mãe.

Vale destacar que o desempenho nas diversas áreas de ocupações da Gypsy foi afetado, diretamente ou indiretamente, enquanto esteve sob a tutela da mãe por aproximadamente 23 anos. Bem como, seu contexto e ambiente impossibilitou Gypsy de viver de forma independente e com autonomia, refletindo assim na impossibilidade de vivenciar experiências individuais, e próprias para cada fase de desenvolvimento dela (ir para escola, estudar, fazer amigos, sair sozinha, namorar, entre outros) ou mesmo decidir sobre sua vida. Assim, entendendo a ocupação como um elemento central da Terapia Ocupacional, na qual:

[...] terapeutas ocupacionais têm diante de si a extraordinária tarefa de maximizar as possibilidades ocupacionais de indivíduos e grupos com os quais trabalham, a partir do reconhecimento do enorme potencial da ocupação criativa, significativa e transformadora (MAGALHÃES, 2013, p. 261).

Dessa maneira, analisando-se o caso, foi possível identificar diversas demandas e possibilidades de atuação para a terapia ocupacional nas problemáticas evidenciadas.

3.2.5.2 Impactos da relação familiar nas ocupações

A percepção que Gypsy tinha da mãe era de alguém que cuidava dela, que a amava, pois não tinha consciência da relação abusiva entre elas. Desse modo, esse foi o tipo de relacionamento que ela estabeleceu como padrão. Paralelamente, Dee Dee precisava que Gypsy acreditasse nos quadros patológicos e aceitasse as condições impostas por ela. Assim, restringir Gypsy de viver uma vida cotidiana “normal” e independente, foi a maneira que Dee Dee encontrou de manter suas invenções e manipulações em continuidade, conseqüentemente, receber algum tipo de gratificação emocional. Em vista disso, quase todas as ocupações de Gypsy eram mediadas por Dee Dee, ou tinha seu auxílio/supervisão, impossibilitando assim que a mesma explorasse suas habilidades e capacidades, tanto a nível físico quanto mental. Pois, o que era reforçado na relação eram apenas as dificuldades de Gypsy, dificuldades estas impostas pelas condições ditadas pela mãe.

3.2.5.3 Áreas de Ocupação afetadas pelo processo patológico provocado

O histórico de indução às patologias, na Gypsy, deu-se início a partir dos 3 meses de idade por sua mãe. Gypsy então apresentava diversos comprometimentos em sua saúde que desencadearam uma grande dependência do auxílio da mãe, assim como, do uso de tecnologia assistiva (cadeira de rodas), dos medicamentos e de aparelhos externos, como forma de alcançar estabilidade na progressão das doenças e seus sintomas.

Como estratégia de manutenção da sua saúde, Gypsy tinha uma rotina medicamentosa exagerada, que provocava uma série de efeitos colaterais que os médicos acreditavam estar tratando. Gypsy também passou por diversos processos de hospitalização, pois foi aos hospitais mais de cem vezes entre 2005 a 2014.

Quadro 3 - O impacto considerável nas áreas de Ocupação da vida de Gypsy Rose

Brincar	Gypsy fazia uso de objetos para brincar de forma exploratória, intencional e simbólica; não foi possível identificar o brincar com regras. Além disso, vale destacar que devido aos problemas de saúde apresentados por Gypsy, a mesma tinha algumas restrições no brincar, logo era um brincar mais individualizado e mais restrito ao domicílio dela.
Educação	Fez parte da educação formal até a segunda série; carregava consigo o diagnóstico de retardo mental, o que dificulta as possibilidades de aprendizado. Resultando no afastamento da mesma do ambiente escolar.
AVD	Gypsy fazia uso de medicamentos para o bom funcionamento do sistema digestório; para realizar o banho recebia auxílio da mãe;

	alimentava-se e era medicada através de um tubo alimentar; a mobilidade funcional era desempenhada com uso de cadeira de rodas desde os seus 10 anos de idade; a vestimenta era determinada pela própria mãe, com um caráter de infantilização; sua sexualidade era considerada um tabu, por isso não tinha conhecimento da sua idade verdadeira, conseqüentemente, sua puberdade era desconhecida pela própria, mas houve um despertar sobre as atividades de satisfação sexual.
Trabalho	Não aplicável.
Descanso e sono	Alguns fatores podem ter comprometido a qualidade do sono da Gypsy, como: o uso de aparelho respiratório todas as noites para dormir, que não ajudava em sua respiração; e o horário em que dormia, visto que aproveitava o momento em que sua mãe adormecia para conversar com Nick.
Lazer	Ida ao cinema, viagem para Disney. No entanto, um repertório pouco diversificado e restrito, feito apenas por meio de escolha, supervisão e acompanhamento de sua mãe.
Participação social	Participava de atividades em que desenvolvia uma interação com a comunidade (apresentação que ela canta) devido ao caráter social das suas doenças, principalmente em conscientização pelo combate à leucemia e cuidados familiares nesses processos; a interação social, todavia, era limitada devido ao comportamento de Dee Dee diante dos questionamentos a respeito do desenvolvimento de Gypsy ou progressão das suas doenças. Sua interação com pares e amigos, era estabelecida por meios virtuais, inclusive foi desse modo que Gypsy conheceu e iniciou um namoro com Nicholas Godejohn, como também conseguiu contar para um amigo o que acontecia em sua casa.
AIVD	Gypsy utilizava do celular e do computador para se comunicar e estabelecer um relacionamento mais profundo com pessoas sem a supervisão da sua mãe, entretanto, tinha a comunicação verbal bem desenvolvida. Em seu gerenciamento financeiro, Gypsy contava com a ajuda das campanhas em que estava vinculada como pessoa com deficiência, recebendo viagens para a Disney, voos médicos e arrecadações de quantias em dinheiro através das redes sociais.

Fonte: American Occupational Therapy Association-AOTA (2015).

3.2.5.4 Vida cotidiana e relações sociais

As relações sociais estabelecidas pela Gypsy tinham total supervisão e controle da mãe dela. Nessa circunstância, as redes sociais passaram a ser o melhor meio utilizado por Gypsy para desenvolver um relacionamento entre pares. A amiga de Gypsy, Aleah Woodmansee, relata a dificuldade de manter um contato somente entre ela e Gypsy, em virtude da Dee Dee estar sempre presente nesses momentos, dizendo: ***“Sempre que eu e a Gypsy estivemos juntas, a mãe dela estava lá, ela era um filtro imediato entre nós duas. Gypsy não falava de nada***

pessoal quando estávamos juntas. Era realmente muito estranho [...]”.

Na tentativa de se distanciar dos olhares da mãe, Gypsy criou uma nova conta nas redes sociais para dialogar com outras pessoas. Foi através desta conta que ela obteve acesso a página de relacionamentos cristãos em que conheceu Nicholas, e posteriormente, que possibilitou o início do planejamento do assassinato (matricídio) de Dee Dee.

3.3 Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação

Essa etapa, refere-se à última fase do procedimento de análise. Dessa maneira, é nesse momento que o analista realiza as inferências e consegue adiantar algumas interpretações, levando-se em conta os objetivos previstos, ou pode se deparar com novas descobertas (BARDIN,1977). A inferência representa uma "operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras" (BARDIN, 1997, p. 39). Por fim, foram realizadas as interpretações, último passo da etapa de análise, de modo que os dados brutos fossem significativos e sobretudo, válidos (BARDIN, 1977).

A partir desta etapa serão trazidos os resultados e discussões do caso de Gypsy Rose e Claudine Blanchard, mais conhecida por Dee Dee, no qual serão apresentados diversos pontos de discussões sobre a intencionalidade e motivação do homicídio entre pais e filhos. Apesar do matricídio ser o tipo de homicídio mais raro (crime em que filho/filha é o autor do crime contra a vida da mãe), foi possível identificar motivos intrínsecos e extrínsecos desse indivíduo para cometer o ato infracional, tendo por base o caso mencionado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Histórico de Abuso

Dee Dee possuía facilidade em manipular as pessoas e, por esse motivo, Gypsy tornou-se refém das fraudes provenientes de sua mãe. Essa habilidade de manipulação é possivelmente resultante da Síndrome de Munchausen (SM) ou Transtorno Factício Imposto, que não foi identificada em Dee Dee ao longo da sua vida. Desse modo, como definido no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, p. 325), em sua quinta edição (2014), o Transtorno Factício Imposto a Outro tem como principais características a falsificação de sinais ou sintomas físicos ou psicológicos, ou indução de lesão ou doença, associado a comportamento fraudulento e apresenta a vítima como doente, incapacitado ou

lesionado, que requer a ausência de recompensas óbvias.

Neste caso, a vítima pode receber um diagnóstico de abuso que resulta em dano físico ou psicológico, a exemplo, limitar a capacidade da pessoa de ir e vir em liberdade; obstruir o acesso da pessoa a assistência; ameaçar a pessoa; isolar a pessoa da família, de amigos ou de recursos de apoio social, ou mesmo confinar a criança (atos como amarrar braços ou pernas, prender em peça do mobiliário, ou até confinar em área fechada pequena (DSM-5, 2014, p. 719, 722). Esses exemplos foram evidentes na vida de Gypsy, relatados pela mesma e que possivelmente foram potencial motivação para execução do crime. Sendo expressado, quando Gypsy diz: ***“Eu gostei do filme Enrolados da Disney, é sobre a Rapunzel [...] Ela foi tirada da sua família pela Gotel, e Gotel a mantém em uma torre a vida toda e fala para ela não sair da torre. Então a torre é tudo que ela conhece. No final a Gotel morre, ela é jogada de uma janela, pois a Rapunzel tentou se defender e sair da torre, mas nos filmes da Disney tudo é fantasia, e a vida real não é um conto. Aprendi isso da maneira errada”***.

Durante a entrevista, quando questionada se estava feliz que sua mãe não está mais à abusando, Gypsy disse que ***“sim”***, e complementa ***“mas ao mesmo tempo não estou feliz que ela esteja morta, eu não queria isto, eu sei que parece estranho planejar algo e fazer aquilo acontecer, mas ao mesmo tempo não querer que isso aconteça”***.

4.2 Falhas no Sistema

De acordo com Sousa Filho et al. (2017) é comum que a Síndrome de Munchausen não seja identificada e nem diagnosticada pelos médicos e outros profissionais de saúde. Essa falta de identificação favoreceu para que Gypsy vivenciasse testes laboratoriais, procedimentos desnecessários e hospitalizações prolongadas como vítima de alguém que tinha controle sobre sua vida. Conforme Gomes e Fraga (1997) quando uma pessoa necessita adentrar em um contexto hospitalar, independente do tratamento a ser realizado, o equilíbrio psicológico e fisiológico dessa pessoa encontra-se fragilizado. Assim, acredita-se que não foi diferente no caso da Gypsy, que passou diversas vezes pelo hospital e por diferentes procedimentos.

Geralmente, quando confrontados, quanto à evidência de que os sintomas relatados são falsos, os indivíduos com este distúrbio, negam ou optam por deixar o ambiente hospitalar mesmo sem ter recebido alta médica (SOUSA FILHO et al., 2017). Tardiamente, acabam por procurar outra instituição hospitalar ou serviço de assistência à saúde (CHENG,1999 apud SOUSA FILHO et al., 2017). Esse comportamento também era semelhante quando as pessoas,

parentes e amigos, dentre eles o próprio pai da Gypsy, se interessavam em saber com Dee Dee, sobre o desenvolvimento, diagnósticos e prognósticos de Gypsy, conseqüentemente, ela mudava-se de cidade para manter distanciamento de todos. Assim Rod Blanchard, pai de Gypsy, ressalta que após questionar Dee Dee sobre a possibilidade da filha andar, ela mudou de cidade, Rod relata: ***“[...] não foi muito depois disto [...] elas começaram a se mudar mais para longe para que ninguém pudesse questionar”***.

Conforme Gomide (2010) o abuso constitui-se em agir de forma nociva, ao contrário da negligência que se constitui no falhar em proteger a criança de situações aversivas. Assim sendo, no modo de cuidado de Dee Dee para com Gypsy não foi identificado nenhum tipo de negligência, seja física, emocional ou médica, que significa não fornecer cuidados à saúde obrigatórios (vacinas, levar ao médico quando a criança se machuca ou está doente), entretanto, foi identificado uma relação de cuidado abusiva e excessiva.

O Dr Bernardo Flasterstein, ressalta: ***“[...] negligência é diferente do que essa mãe estava fazendo, ela não estava negligenciando, ela estava tratando, tratando demais [...]”***. Paralelo a isso, demonstra ter tido algumas suspeitas, sendo evidenciadas quando o Dr Bernardo Flasterstein diz ***“[...] sabendo da história, o que ela estava passando o que ela passou, eles não teriam acreditado em mim, então o que eu pude fazer era anotar [...] ninguém no sistema nunca disse nada e eu não achei certo continuar tentando convencer outras pessoas de que algo não estava certo ali”***.

Além desses fatores, Dee Dee também convenceu os policiais diante de uma denúncia de agressão, que estava tudo bem e sua filha estava doente e incapacitada devido ao retardo mental. Mike Stanfield, defensor público, responsável pela defesa de Gypsy relata ***“[...] eles foram até a casa dela, falaram com Dee Dee e ela fez exatamente o que fazia todas as vezes, ela manipulou os policiais mostrou algumas coisas para eles (documentos), e eles foram embora [...]”***. Como resultado, todas as possibilidades e estratégias de ajuda para Gypsy provenientes das redes de apoio, como amigos, familiares, médicos e da própria polícia, tornaram-se ineficazes. E conseqüentemente, esse fator favoreceu a dificuldade de Gypsy de encontrar outras possibilidades, senão a morte de Dee Dee, como ela disse ***“[...] estava brava com o mundo. Isso não é justo. Porque alguém não viu isso antes que tudo ficasse pior”***.

4.3 Efeitos colaterais de Medicamentos

O fato de estar tomando diversos medicamentos, especificando o Xanax (Alprazolam)

um ansiolítico, anti-pânico de administração oral, por meio de comprimidos, proporcionaram segundo Gypsy ***“a sensação de ter ausência de emoções e pensamentos irregulares como efeito colateral”***. Uma vez que, os ansiolíticos apresentam componentes que atuam no controle da ansiedade de pacientes com alterações de saúde associadas ao Sistema Nervoso Central (SNC), afetando, sobretudo, suas emoções e seu comportamento (FIGUEIREDO, 2012 apud FÁVERO, 2017). Para ela, esse fator pode tê-la influenciado no planejamento do crime, causando conseqüentemente o comportamento sociopata: ***“Eu não pensei em nada, eu tive medo e fiquei tremendo [...] parecia que não era real. Eu estava tomando vários remédios e sei que isso não é desculpa, mas com o Xanax, parecia que eu não tinha emoções e eu não pensava direito”***.

O comportamento ao qual Gypsy se refere é o de ausência de crítica e arrependimento do ato, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas, sendo apenas um dos critérios diagnósticos do Transtorno de Personalidade Antissocial (DSM-5, 2014, p. 659). No entanto, esse fator não fica evidente, dado que segundo o DSM-5 (2014, p. 663) existe o comportamento criminoso não associado a um transtorno da personalidade, visto que somente se constitui transtorno da personalidade antissocial, quando os traços da personalidade antissocial são rígidos, mal-adaptativos e persistentes e desencadeiam prejuízos a nível funcional ou sofrimento subjetivo significativo.

4.4 Relação de Superproteção

De acordo com Bowlby (1989) o comportamento de apego corresponde a qualquer reação do indivíduo que resulte em manter uma proximidade com algum outro indivíduo, sendo este, claramente identificado e que represente aptidão para lidar com o mundo. Assim, compreende-se que “a função biológica atribuída ao comportamento é a proteção” (BOWLBY, 1989, p. 39). E apesar deste comportamento ser mais visível durante a primeira infância, este pode percorrer ao longo da vida, principalmente em situações críticas (BOWLBY, 1989).

Partindo desse princípio, Gypsy e Dee Dee possuíam uma relação afetiva de apego, no entanto, não tão saudável, visto que a relação entre elas era parasitária. Desse modo, como resultado disso, Gypsy teve “dificuldade em desenvolver uma vida social fora da família” (BOWLBY, 1989, p. 42).

Nessa vertente, compreende-se que um vínculo é considerado saudável quando se mantém a identidade dos envolvidos resguardadas e estes têm autonomia para fazer suas

escolhas a nível individual, e configura-se como patológica ao passo em que não se tem um limite entre o que é próprio do indivíduo e o que é do outro dentro da relação (NEME et al., 2007). Assim, no caso da Gypsy e Dee Dee não havia uma delimitação, portanto, dentro dessa perspectiva, o vínculo entre ela e a mãe não era saudável. E é reforçado na fala de Mike Stanfield, defensor público, responsável pela defesa de Gypsy Rose, quando diz “[...] **a mãe dela controlava toda a vida dela**”.

Segundo Benício e Souza (2019) as pessoas estão em constante processo de desenvolvimento, bem como, em envolvimento com o meio em que vivem, conseqüentemente, sofrendo influência deste. Assim, os mesmos enfatizam que dentre estas questões encontram-se a relação maternal. Dessa forma, a maneira como a mãe (genitores) cuida do seu filho influencia em seu crescimento pessoal, podendo interferir tanto de maneira positiva quanto negativa no desenvolvimento deste (BENÍCIO e SOUZA, 2019). Assim, no caso da Gypsy ficam evidentes os impactos negativos em diferentes áreas da vida dela, resultantes da maneira como ela foi criada por Dee Dee.

Por conseguinte, as práticas parentais abusivas e negligentes podem ser consideradas fator determinante do comportamento criminoso, mesmo quando por diversas vezes os psiquiatras tendem a utilizar interpretações médicas para explicar o comportamento de agressão, ignorando a violência familiar e a negligência, e considerando o indivíduo um agressor que age por livre vontade quando não encontra doença mental na avaliação médica (GOMIDE, 2010).

4.5 Busca pela liberdade

Para Mike Stanfield, defensor público, responsável pela defesa de Gypsy Rose, chamar a vida de Gypsy de isolada era algo injusto, ele descreve a vida dela como **“Um pesadelo de fadas”**. Gypsy viveu limitada ao controle de Dee Dee e das condições clínicas que por muito tempo ela acreditava ter, até perceber que sabia deambular e possivelmente sua mãe estaria omitindo questões clínicas. Assim, toda a vida de Gypsy era gerenciada pela mãe, Dee Dee. Esse comportamento é evidenciado na fala do Dr. Marc Feldman, psiquiatra que acompanhou o caso de Gypsy, **“O controle era total, do mesmo modo em que há controle total sobre uma vítima de sequestro [...] a filha dela era uma refém, essencialmente, e eu creio que podemos entender que o crime ocorrido depois, é nada mais do que um refém tentando escapar”**.

Ademais, ao passo que Gypsy foi se desenvolvendo, passou a se sentir sufocada pelas atitudes da própria mãe, o que resultou em uma primeira tentativa de fugir de casa, porém de

maneira não exitosa, já que a Dee Dee havia a encontrado e levado para casa novamente. Dessa forma, manteve-a sob seu controle e segundo Gypsy dali em diante **“foi um ano difícil”**.

O Dr. Marc Feldman, psiquiatra que acompanhou o caso, enfatiza que talvez na mente de Gypsy seria difícil escapar do controle de Dee Dee, dizendo: **“A mãe dela era tão sufocante, tão poderosa, tão manipuladora, que eu só consigo imaginar que Gypsy sentia que qualquer esforço para escapar falharia”**. Isso se reforça no relato de Gypsy: **“[...] minha mãe convenceu o advogado a preparar documentos dizendo que eu era incapacitada, então eu pensei que se eu tentasse ir a polícia eles olhariam estes documentos e diriam: ela é retardada, ela não sabe de nada”**.

No decorrer do tempo, outras questões foram surgindo no repertório de vida da Gypsy com o despertar da sexualidade, a exemplo o próprio namoro com o Nicholas. No qual surgiu em um momento difícil da relação entre ela e a mãe com a promessa de interromper os maus tratos e proporcionar o cuidado desejado. Conseqüentemente, despertou nela a ideia de assassinar a mãe, Dee Dee, como ela disse **“[...] estava brava com o mundo [...]”**.

Sendo assim, as tentativas de liberdade não exitosas foram também um fator importante para Gypsy ter optado por colocar em prática o plano de matar a própria mãe, conseqüentemente, sentir-se finalmente livre. Esse sentimento de liberdade se expressa na fala dela **“[...] a minha mente nem pensou no que que estava acontecendo na minha casa, eu só pensava que estava livre e naquela animação de estar livre [...] eu sempre me via como um pássaro azul em uma gaiola invisível e senti que o pássaro azul tinha sido liberto”**.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo mostram que no caso apresentado, diversos fatores intrínsecos e extrínsecos levaram a Gypsy a enxergar no ato infracional a possibilidade de pôr fim na relação de abuso cometidos pela mãe, Dee Dee. Assim sendo, por meio do assassinato da mãe, Gypsy entrou para a estatística dos raros casos de crime ao qual os autores chamam de matricídio (quando o filho/filha é responsável pelo homicídio da própria mãe).

Dentre os fatores intrínsecos e extrínsecos que levaram ao ato homicida presente no documentário analisado, encontram-se os abusos físicos e psicológicos, uso desnecessário de substâncias psicoativas (medicamentos que prejudicam a capacidade crítica e perceptual da Gypsy, a exemplo o Xanax), relação de superproteção (limitação e impossibilidade de viver um vida independente e comum), a busca por liberdade (tentativas não exitosas), impactos sofridos

por ser vítima da Síndrome de Munchausen por Procuração (submetida a procedimentos e cuidados desnecessários) e as falhas no sistemas familiar, jurídico e de saúde (impediu a possibilidade das redes de suporte ajudar Gypsy).

Nessa vertente, compreende-se que o crime envolvendo pais e filhos, assim como vários outros crimes de homicídio, que não envolvem necessariamente pessoas próximas, não seguem um padrão estático de fatores motivacionais. Logo, cada caso apresenta questões particulares, sendo composta por fatores próprios do indivíduo que comete o crime e da relação cotidiana entre o perpetrador e a vítima. Assim sendo, espera-se que as discussões levantadas contribuam para uma maior compreensão do homicídio envolvendo pais e filhos, bem como, possibilite evidenciar que trata-se de um crime raro e singular.

Vale destacar que durante a construção da pesquisa, encontrar estudos fidedignos e recentes, foram fatores limitantes, no entanto, não impediram de dar seguimento ao trabalho. Por fim, dentre os achados a mais do estudo, foi possível identificar durante a pesquisa, que dentre os casos citados de homicídios entre pais e filhos ao longo da construção deste, assim como no caso Gypsy, que passou pelos procedimentos analíticos, notou-se a presença de uma terceira pessoa envolvida no ato do homicídio entre pais e filhos, sendo assim um aspecto relevante e que ainda necessita de investigações a respeito dessa participação externa no crime.

Diante disso, vale ressaltar que não cabe a Terapia Ocupacional julgar o ato realizado por Gypsy como certo ou errado, porém é evidente que múltiplos fatores favoreceram na decisão dela em compactuar na morte da própria mãe e que determinaram sua vida, antes, durante e depois do crime.

REFERÊNCIAS

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 1-49, 3 ed., 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/97496>. Acesso em: 09 de jul. de 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://ia902902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <https://normas.leg.br/api/binario/d9c9c09c-ee80-42c9-a327-20fd195213c7/texto>. Acesso em: 04 de set. 2021

BEE, H.; BOYD, D. **A Criança em Desenvolvimento**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BENÍCIO, D. G.; SOUZA, D. A. O impacto da superproteção no desenvolvimento psicológico da criança. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. [em linha]. 2019. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1384.pdf>. Acesso em: 21 de mar. 2021.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. E-book. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/327948212/BOWLBY-John-Uma-Base-Segura-Aplicacoes-Clinicas-Da-Teoria-Do-Apego>. Acesso em: 21 de mar. de 2021.

CRUZ, C. H. S. O parricídio no profano e no sagrado. **Revista Jurídica da FAL**, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <http://artpsi.com.br/wp-content/uploads/2016/09/O-parrici%CC%81dio-no-sagrado-e-no-profan-o.pdf>. Acesso em: 08 de dez. de 2020.

DE MATOS, M. G. et al. Construindo o vínculo pai-bebê: a experiência dos pais. **Psico-USF**, v. 22, n. 2, p. 261-271, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/Ltz6Tm5dsZRpn4NtKQ9LPbh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

DORNELLES, F. Filicídio: algumas considerações. **Rev. do Ministério Público do RS**: Porto Alegre, n. 72, p. 15-22, 2012. Disponível em: http://www.amprs.org.br/arquivos/revista_artigo/arquivo_1363113355.pdf. Acesso em: 13 de fev. de 2021.

FÁVERO, V. R.; DEL OLMO SATO, M.; SANTIAGO, R. M. Uso de ansiolíticos: abuso ou necessidade? **Visão Acadêmica**, v. 18, n. 4, p. 98-106, 2017. Disponível em: [file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/57820-225946-1-PB%20\(2\).pdf](file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/57820-225946-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 03 de set. de 2021.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso Editora, 2013. E-book. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=QGqzBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=FLICK,+U.+Introdu%C3%A7%C3%>. Acesso em: 14 de fev. de 2020.

FREIRE, A. C.; FIGUEIREDO, B. Filicídio: Incidência e factores associados. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 4, p. 437-446, 2006. Disponível em: [file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/185-562-1-PB%20\(1\).pdf](file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/185-562-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 08 de dez. de 2020.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-109, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13924/15742>. Acesso em: 17 de abr. de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. E-book. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 14 de fev. de 2020.

GOMES, L. C.; FRAGA, M. N. O. Doenças, hospitalização e ansiedade: uma abordagem em saúde mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 50, n. 3, p. 425-440, set. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/k5rBJhLJ3sNwZwYXC5MNPBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

GOMIDE, P. I. C. Abuso, negligência e parricídio: um estudo de caso. **Temas em psicologia**, v. 18, n. 1, p. 219-230, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a18.pdf>. Acesso em: 08 de dez. de 2020.

MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 253-263, 2013. Disponível em: [file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/812-1515-1-PB%20\(1\).pdf](file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/812-1515-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 23 de fev. de 2021.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. E-book. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 23 de jul. de 2021.

MEDEIROS, M. Pesquisas de abordagem qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 224-225, abr./jun. 2012. Disponível em: <file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/13628-Texto%20do%20artigo-83429-1-10-20120911.pdf>. Acesso em: 19 de nov. de 2020.

NEME, C. M. B. et al. Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de

literatura, **Indexado na Lilacs**, v. 17, p. 162-166, 2007. Disponível em: https://www.ampliatta.com.br/wp-content/uploads/2011/10/vinculo_mae_bebe_pesquisa.pdf. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

NETO, A. C.; DORNELLES, F. Pais homicidas e inimputabilidade: Um estudo transdisciplinar. **Revista Brasileira de Direito**, v. 8, n. 2, p. 89-118, 2012. Disponível em: <file:///home/chronos/u-38b8d1420f6e3329599c037e524f324cbcb04eac/MyFiles/Downloads/289-1024-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 de dez. de 2020.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface _ Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n. 8, p. 47-59, fev. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

SOUSA FILHO, D. et al. Síndrome de Munchausen e síndrome de Munchausen por procuração: uma revisão narrativa. **Einstein**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 516-521, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/wPQGR7K6kRfx9vQwGkrw56B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 de set. de 2021.

ZORNIG, S. M. A. J. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da paternidade. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

REFERÊNCIA AUDIOVISUAL:

Mommy Dead and Dearest (Mamãe morta e querida - legendado). Direção: Erin Lee Carr; Produção: Andrew Ross, 82' Doc, HBO, EUA, 2017. (1h22m). Disponível em: <https://youtu.be/fNEBGUSSnG0>. Acesso em: 07 de abril de 2020.